

Ka'aguy Mirim, Peguaoty, Pakurity, no Vale do Ribeira (SP); e Cerco Grande e Sambaqui, no Paraná. A TI Boa Vista do Sertão do Promirim, em Ubatuba (SP), por sua vez, teve seus limites readequados e aprovados pela Funai.

A TI Irapuá (RS), que teve os seus estudos para demarcação iniciados em 1993 e aprovados em 1999 pela Funai, finalmente obteve sua portaria declaratória, em maio de 2016. Foram 17 anos de espera entre a delimitação e a publicação da portaria. Ressalta-se que, em 23 anos de processo, esta terra ainda não foi homologada.

A TI Mato Preto (RS), apesar de também ter obtido a portaria declaratória em 2012 e de ter documentos datados de 1929 que comprovam a ocupação guarani datada de 1929, com a mobilização dos setores contrários, em 2014, foi um dos alvos das chamadas “Mesas de diálogo”, que procuraram negociar a diminuição dos limites da área, já estudados, identificados, aprovados e declarados.

As portarias declaratórias das TIs Jaraguá e Tenondé Porã (SP), assinadas em 2015 e 2016, respectivamente, demonstraram a importância e eficácia da mobilização indígena, que conseguiu chamar a atenção da mídia e uniu apoiadores da sociedade civil e simpatizantes na capital paulista.

A única terra guarani homologada desde 2010 foi a TI Piaçaguera, em Peruíbe (SP), cuja comunidade foi alvo de forte pressão para a instalação de um porto no local – uma das últimas áreas de restinga do litoral paulista.

Se houve avanços no reconhecimento dos direitos territoriais indígenas neste último quinquênio, eles se deram em virtude principalmente das mobilizações dos povos indígenas na luta pelos seus direitos. A demarcação das Terras Indígenas, em especial das terras guarani no Sul e Sudeste do Brasil, bem como no Mato Grosso do Sul, deveriam ser tratadas como assunto de interesse máximo pelo Estado, fazendo valer a Constituição Federal e a condição indelével dos avanços já conquistados.

Infelizmente, a atuação governamental segue em sentido oposto. Diante do cenário calamitoso que se desdobra, a articulação e a mobilização destes povos são armas essenciais para fazer frente a tantas ofensivas aos seus direitos territoriais e humanos. *(agosto, 2016)*

#### NOTAS

<sup>1</sup> Disponível na biblioteca digital do CTI: <http://bd.trabalhoindigenista.org.br/livro/atlas-das-terras-guarani-no-sul-e-sudeste-do-brasil-2015>.

<sup>2</sup> Considera-se aqui como processos plenamente concluídos os que já obtiveram a homologação da terra, a extrusão de ocupantes não indígenas e o registro nos cartórios de imóveis.

GUARANI

# Jaguata Joupive'í: Caminhando Todos Juntos

Marcos Tupã

Marcelo Hotimsky

Coordenador Tenondé da CGY

Assessor da CGY

**A COMISSÃO GUARANI YVYRUPA (CGY) É UMA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DE TODO O POVO GUARANI QUE ARTICULA NACIONALMENTE A LUTA PELO RECONHECIMENTO DE SUAS TERRAS – DO RIO GRANDE DO SUL ATÉ O LITORAL DO ESPÍRITO SANTO. FORAM MUITAS LUTAS NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS**

Muitas mudanças ocorreram nos últimos anos para o povo Guarani. A CGY se consolidou mais enquanto organização política; novos projetos de fortalecimento político e cultural foram desenvolvidos; alguns dos processos de reconhecimento territorial avançaram e, infelizmente, alguns retrocederam. Optamos, portanto, em aproveitar esse espaço para relatar algumas das principais lutas que ocorreram nos últimos cinco anos, buscando, através da voz de diferentes lideranças Guarani, apontar algumas importantes conquistas que se concretizaram no período, assim como as preocupações que hoje existem e alguns apontamentos sobre os caminhos que essa luta deve seguir, além dos desafios que deverá encarar.

No texto principal, Jera Poty, liderança da Aldeia Kalipety, nos conta do processo de luta no qual os Guarani da capital paulista se engajaram nos últimos tempos. Processo que, através de novas parcerias, manifestações e retomadas de terras tradicionais, levou os Guarani a conquistarem a portaria declaratória das duas Terras Indígenas localizadas na cidade de São Paulo.

Joel Pereira e Maurício Gonçalves, lideranças do Rio Grande do Sul, contam da importância da conquista de algumas terras adquiridas no estado, que tiraram parte considerável das co-

munidades da situação dos acampamentos na beira da estrada no qual viviam, ressaltando, contudo, a importância da luta pelo fortalecimento da cultura Guarani – difícil de ser vivida ainda nessas terras pequenas e bem degradadas nas quais ainda se encontram, reforçando a necessidade da luta pelo reconhecimento de suas terras tradicionais.

Já Eunice Kerexu, de Morro dos Cavalos, conta das dificuldades crescentes encontradas para o reconhecimento de sua terra, ao mesmo tempo em que afirma uma maior união das lideranças e um aumento dos apoiadores, principalmente das universidades da região. Por fim, Ilson Soares, cacique da Aldeia Y'hovy, nos fala do preconceito vivido e dos violentos ataques sofridos pelas comunidades guarani no Oeste do Paraná, apontando as grandes dificuldades que ainda existem para que os Guarani possam ter seus direitos territoriais reconhecidos.

#### ▶ SÃO PAULO

**“AGUYJEVETE PRA QUEM LUTA!”**

Jera Poty, liderança da aldeia Kalipety, TI Tenondé Porã

Em 2012, pra gente, Guarani da capital de São Paulo, estava muito claro que as coisas não estavam boas. As coisas estavam absolutamente gritantes. Uma cultura que precisa de um território tão amplo pra se desenvolver e dar continuidade pro nosso modo de ser, o *nbandereko*, estava há muito tempo prejudicada. A gente começou a sentir que de fato somos um povo mais calmo, mais paciente, mais cauteloso, mais de paz, mas já tinha esperado demais – e que estava na hora de pensar em outros

tipos de estratégias, de movimento, de luta, pra começar então uma nova história.

Primeiro, a gente se viu em um momento muito angustiante de estar vivendo numa terra muito pequena com um número muito grande [de pessoas], já tendo muitos problemas de organização social, de política interna, de sustentabilidade, de entrada de coisas como bebida alcoólica e drogas de forma mais forte. Isso se somou ao fato de que tinha lideranças mais jovens também atuando. Eu lembro muito bem do Tiago, superjovenzinho e, de repente, era liderança na aldeia Tenondé Porã, onde tem quase mil pessoas. Ele carrega um fardo muito grande de ser liderança, de pensar em lutar pelo seu povo. . . E quando alguém fala “Vamos pra rua! Vamos fechar a Bandeirantes”, ele, diferente dos mais velhos, que tem mais esse pensamento de viver na tranquilidade, é um dos primeiros que fala: “Bora fechar tudo! Vamos pra cidade do *jurua* [não indígena], pra aldeia do *jurua*, gritar com *jurua* pra lutar pelo nosso direito!”.

E, assim como tem lideranças mais jovens, também tem atuação de lideranças mais experientes, que já viveram também toda a situação ruim de sempre ir atrás, esperar, sempre ter paciência e nada acontecer. Daí quando os mais velhos veem os mais jovens, os *xondaros* e as *xondarias* (guerreiros e guerreiras), dispostos a fazer outras coisas diferentes, então eles também não têm muita coisa pra perder. E acontece uma somatória de pessoas que viveram em mundos diferentes, que tiveram coisas diferentes, em aldeias diferentes, com a única necessidade de garantir um espaço mais correto pra se viver dignamente o nosso *nbandereko*. Enfim, o que aconteceu é que os Guarani estavam no limite, sufocados; como eu mesmo estava sufocada, plantando milho, mandioca, batata em lugar superpequeno e querendo ampliar isso.

A gente começou então a concretizar essa ideia de fazer algo que mudasse o rumo do nosso modo de luta pra uma outra situação e ver o que é que dava. A primeira coisa foi o fechamento da [Rodovia dos] Bandeirantes. Eu ainda sinto no meu corpo a sensação de muitos momentos desses dias de preparo pra ir pra Bandeirantes. Foi um momento muito importante, porque os Guarani de fato honraram essa cultura que tem como um dos ensinamentos ser calmo, ser tranquilo, fazer as coisas devagar, fazer as coisas com muita cautela.

E essa coisa não era pequena, era muito grande! Quando eu me vi alguns minutos antes de descer na Bandeirantes, entrei em pânico geral. Mas eu já estava ali e tinha que ir. Era ir ou ir. E a gente, que estava esperando pacientemente o governo dizer que

de fato tínhamos o direito de ter nossas terras garantidas, acordou pra uma outra manhã. Acho que a força a coragem que a gente pede todo dia pra *Nbanderu* chegou naquele momento, pra uma outra situação. Depois disso, e até agora, muita gente, inclusive eu, ficou muita abastecida dessa coragem e desse pensamento de que a gente vai começar a fazer movimento e luta agora de forma diferente. Não vamos ficar só esperando.

Nesse momento de uma luta, feita em conjunto com vários parceiros, ficou muito claro o protagonismo, a participação política efetiva da Comissão Guarani Yvyrupa. Que se dividiu ali entre muitos Guarani: Guarani homem, Guarani mulher, Guarani criança. Porque a ideia da CGY é que todo mundo que é Guarani faz parte dela. Pra mim não teve uma pessoa que movimentou isso na CGY. Foram muitas pessoas, inclusive os *xondaros* e *xondarias jurua*. Ela também se fortaleceu, só que junto com o povo Guarani, e hoje tem uma legitimidade muito importante pra gente.

Nesse sentido, quando um Guarani vai pra algum movimento falando pela CGY, ele tem que pensar que de fato ela tem uma importância muito grande e que, assim como no ensinamento profundo dos *xeramoí* [anciões], *nbandekuery* [nosso povo] tem que ter muita bondade, muita generosidade, muito *mborayvu* como a gente fala. E se tem *mborayvu*, não vai querer passar um por cima do outro, não vai querer desrespeitar o outro, não vai querer ser maior do que ninguém, você nunca vai querer mais do que você precisa, quer sempre viver com o suficiente. O Guarani tem que fortalecer isso pra continuar fortalecendo o movimento nas bases, nas aldeias, mas também fortalecer a CGY.

O que eu acho que a CGY tem que fazer depois desses anos de luta é manter um caráter sempre muito coletivo; ter uma estratégia de existência muito coletiva. Os Guarani em cada região têm que ter uma participação efetiva mesmo; não tornar a CGY como outras instituições, organizações ou associações indígenas que têm um padrão muito *jurua*. Porque toda força e todo o resultado positivo e coragem dos Guarani aconteceu por conta da coletividade, do que se somou do coletivo dos corações Guarani e dos coletivos dos corações *jurua*. Para essa luta continuar forte, pros Guarani continuarem fortes, a CGY tem que ser muito coletiva, ela não pode se engessar num padrão de organização *jurua*.

A gente foi pras ruas, parou rodovias, foi fazer atos e depois disso tudo ficou esperando algo mais positivo, porque a gente, de alguma forma, tinha sido ouvido pelos *jurua* na cidade. Através principalmente do apoio que tivemos dos parceiros que trabalham nas mídias, que têm o trabalho grandioso de levar a imagem, o sentido e o objetivo da luta, das organizações sociais

pras pessoas, o que as mídias grandes não fazem. Dessa forma, os *jurua* estavam entendendo e conhecendo um pouco a realidade das aldeias na capital de São Paulo. Porém, apesar de a gente ter conseguido fazer um barulho, ter conseguido uma visibilidade muito boa de forma inédita, a gente não tinha conseguido ainda concretizar a nossa demarcação.

Por isso, participando da equipe de lideranças da [Aldeia] Tenondé Porã, a gente começou a pensar como daria continuidade pra essa luta. A gente não podia ficar parando a Bandeirantes todo dia. Concluímos que teria força mostrar pro governo *jurua* – na época pro ministro José Eduardo Cardozo – que a gente estava querendo de fato ter esse direito de forma concreta, fazendo retomadas em uma área já reconhecida pela Funai.

Então, a gente começou a estudar algumas áreas que estavam dentro desse território reconhecido como área indígena, dentro de um estudo antropológico, mapeado por profissionais e pelos próprios Guarani. A primeira área que a gente resolveu retomar foi aqui, a aldeia Kalipety, uma área que teoricamente tinha dono, mas que o dono tinha abandonado há mais de dez anos. Era uma área que tinha eucalipto, mas tinha Guarani nascido aqui, que, meu pai contou, tinha plantado eucalipto aqui pros *jurua*.

A gente estava ansioso pra iniciar essa retomada, porque era muito representativo pra mim e pras pessoas que estavam comigo. Na primeira noite não teve nada, foi muito bom, a gente tava muito alegre, gostando da área. A gente sofreu alguns incidentes e alguns Guarani mais velhos falaram que era pra gente sair daqui, pra não correr nenhum risco. Isso bem no início. Como eu era a única mulher, pras mulheres da minha família eu é que tinha que convencer todo mundo a voltar pra Tenondé e deixar tudo pra trás; porque tinha *jurua* ameaçando, tinha entrado carro e os caras tinham saído pra fora e atirado pra cima. Mas a gente decidiu juntos ficar.

Jera Poty, liderança da Tekoa Kalipety, uma das seis aldeias da TI Tenondé Porã em São Paulo (SP), fala durante cerimônia de assinatura da portaria declaratória da área, após mobilização dos Guarani. Ao fundo (da esq. para dir.) Elias Honório, cacique; Fernando Haddad, prefeito de São Paulo; Eugênio Aragão, ministro da Justiça; e Pedro Vicente, cacique.



Os *xondaro* da Tenondé inteira se mobilizaram, vieram pra cá. Dormimos noites e noites, revezamos no mirante de guarda; eu fiquei de guarda com minha sobrinha muitas vezes de noite. Tudo aquilo era muito representativo pra mim e eu pensava: “É isso que a gente tem que fazer”. Foi uma experiência muito válida que eu nunca vou esquecer na minha vida. Todos os sentimentos bons que eu senti, todas as alegrias, piadas, brincadeiras, do medo, da correria, do trabalho... tudo foi muito válido, principalmente agora que eu tô aqui deitada na rede depois de molhar os cinco tipos de batata-doce guarani que eu já consegui recuperar aqui nessa aldeia Kalipety.

Depois disso o *xeramoí* Kuaray Poty, lá da aldeia do Jaraguá, que é um *xeramoí* super-respeitado, pediu apoio pra Tenondé Porã pra fazer uma outra retomada de uma área. De novo a gente fez o mesmo esquema, só que já mais preparado, com a experiência do Kalipety. E foi de novo uma experiência muito boa. Hoje tem famílias morando lá e o lugar vai trazer muitas coisas boas pro futuro. É o que importa.

Em 2016, antes da Dilma [Rousseff] sofrer o *impeachment*, a gente teve um momento muito crucial. Ela indicou o Eugênio Aragão como Ministro da Justiça e tinha liberado pra ele demarcar e regularizar todas as Terras Indígenas em que não tivesse conflito. Então, a gente sabia que era um momento essencial pra Tenondé Porã e viu que era preciso pressionar de novo o governo. Então a gente levou os *xondaros* e a *xondarias* pra ocupar o escritório da presidência [da República] em São Paulo. Foi até minha mãe que se preocupava muito com essa situação de enfrentar os *jurua*: de repente ela tava lá no escritório da

presidência, na Avenida Paulista, gritando com *jurua* e falando que ia amanhecer lá se fosse preciso.

E eu e o Pedro Vicente, *xondaro ruwixa* [chefe dos guerreiros] da Tenondé, fomos no mesmo dia pra Brasília pra conversar com o Eugenio Aragão, pra convencer e brigar pela portaria declaratória – enquanto os *xondaros*, *xondarias* e o cacique Elias ficavam em São Paulo, ocupando o escritório da presidência, pressionando ele a nos receber. Antes deles chegarem lá a gente tinha sido atendido só pela assistente especial do Eugenio Aragão, mas, depois que o pessoal ocupou o escritório, a gente foi recebido pelo Ministro.

O Pedro falou rapidamente com ele, mas muito certo: “Você sabe por que eu tô aqui. Eu quero terra. É por isso que os *xondaros* estão lá no escritório ocupando e não vão sair de lá enquanto a gente não der uma resposta positiva pra eles”. E eu levei uma terra ruim, seca, lá da Tenondé, e uma terra superboa, do Kalipety, e fiz uma exposição pro Ministro. Do lado da terra seca e dura, coloquei lata de cerveja, salgadinho, bolacha, enfim, só comida ruim, só coisas ruins. Do lado da terra pretinha, fofinha, gostosinha, coloquei batata-doce, mandioca, milho. E falei: “Essa terra que é Tenondé, que é de 26 hectares só; a gente vive e come isso. Enquanto aqui, no Kalipety, a gente vive e come isso. Então vamos avaliar juntos, porque vocês têm que decretar como a gente vai viver agora a longo prazo”.

Aí o Eugenio Aragão falou: “Eu vou amanhã pra São Paulo e vou assinar amanhã. Tá pronto? Você apronta?”, ele perguntou pra assistente. A assistente falou: “Tá pronto. Faz tempo que tá pronto”. E ele veio. E todos os Guarani, os *xondaros*, as *xondarias*, minha mãe, o cacique... Todos que ocuparam a Secretaria da Presidência no dia anterior voltaram lá pra participar da assinatura da portaria. Eu atribuo tudo o que aconteceu a todos os *nbandekuary* e a todos os parceiros *jurua* que estavam lá apoiando também. A cada um deles e a todos os espíritos de todos os povos, de todas as matas que tem nesse planeta terra, a todos os *ija*, os donos que, depois de *Nbanderu*, cuidam desse planeta. E pra isso a gente fala *Aguyjevete*. *Aguyjevete* pra quem luta! (*Julbo, 2016*)

## ►RIO GRANDE DO SUL

### “NÃO PODEMOS MAIS FUGIR DA LUTA”

Maurício Gonçalves, coordenador-geral da CGY

Nossa mobilização é pela reconquista do espaço, pelas terras que estão em demarcação. A principal luta é por essas terras que precisamos reconquistar, pra que as famílias possam viver de acordo com a cultura, como o povo Guarani Mbya. O povo Guarani

está muito articulado através de suas organizações regionais e da Comissão Guarani Yvyrupa. Isso tem nos fortalecido muito na região Sul e Sudeste. Nossa mobilização tem acompanhando sempre os acontecimentos em nível nacional. Aqui no Sul temos nos mobilizado também. Em Porto Alegre, por exemplo, tem uma lei do estado que busca restringir os direitos indígenas no estado (PL 31). Tudo isso é mobilização que temos feito em nível de estado. Há uma compreensão de todas as lideranças de que precisamos estar fortes e unidos. As conquistas têm sido muito importantes. Teve uma consolidação de pensarmos, enquanto Mbya, que não podemos mais fugir da luta; não tem mais espaço pra fugir. Temos parentes em acampamentos em beira de estrada. Tudo isso nos leva a pensar que temos que nos organizar através de associações, do movimento nacional. Precisamos fazer um enfrentamento junto ao governo, uma discussão qualificada com nossas lideranças. E conquistamos algumas terras importantes pra sobrevivência de nosso povo. No Rio Grande do Sul conseguimos algumas terras via compensação, não pelos artigos 231 e 232 da Constituição. São terras pequenas, mas que ajudam a trazer mais tranquilidade pras famílias, que antes estavam na beira de estrada. Ajuda a ter mais tranquilidade pra viver e organizar a luta. O desafio é grande. Temos que continuar mobilizados pelas nossas organizações: CAPI, a Comissão Nhemongueta e nossa organização nacional, a CGY. A situação é gravíssima. Demarcação paralisada, GTs parados e as leis que garantem o direito indígena sendo ameaçadas. Precisamos fortalecer nossas aldeias, pedir orientação pros nossos *karai* (rezadores), pros nossos mais velhos, pra que *Nbanderu* ilumine a luta do povo Guarani. (*Julbo, 2016*)

### “A MOBILIZAÇÃO É A BUSCA DO TERRITÓRIO”

Joel Pereira, cacique da Aldeia Mato Preto, TI Mato Preto

Pro Guarani a mobilização é estratégia de como fazer para o governo e a sociedade não indígena conseguir ver o lado do indígena. Ainda estamos tendo essa mobilização. Esse é o lado positivo. Mas ainda é muito preocupante a questão territorial. Tem várias aldeias no Rio Grande do Sul que não tem seu território; a maioria é acampamento. Mas com as mobilizações conseguimos algumas terras, muitas adquiridas por projeto do próprio Governo Federal. A mobilização é a busca do território. Teve também coisa negativa e temos discutindo isso em várias reuniões. As aldeias sofrem ameaças, invasões e isso afeta a questão cultural. Essa é uma questão preocupante hoje, principalmente pros jovens. É uma batalha que fica pras lideranças pra além da questão da terra. Uma coisa que me preocupa muito é a questão cultural,

principalmente pros mais jovens, que ficam muito influenciados pelas coisas do *jurua*. Por isso é muito importante buscar forças a partir dos *xeramoí*, dos mais velhos. Isso não pode ser deixado de lado. Precisamos conversar mais sobre isso, buscar apoio e a opinião dos mais velhos, que hoje têm ficado de lado. Isso vai fortalecer a nós, lideranças, e devemos repassar isso pros mais jovens também. (*Julbo, 2016*)

## ►SANTA CATARINA

### “OS ATAQUES TÊM SIDO CADA VEZ MAIORES”

Eunice Kerexu, liderança da TI Morro dos Cavalos

No meu ponto de vista, a gente tem duas coisas sobre a luta do povo Guarani. Por um lado, os ataques têm sido cada vez maiores, de todas as formas: questão de terras, criminalização de lideranças, questões judiciais e da sociedade mesmo. E também a gente tem a imprensa, que tenta desmobilizar a luta indígena aqui do sul, e os governos, que não reconhecem e negam até o último fio de cabelo o nosso território. Por outro lado, por causa disso, talvez, hoje as lideranças também estão se organizando mais. Existe mais diálogo entre as lideranças e uma fala só. E junto com isso vem a questão dos estudantes das universidades, das universidades que nos apoiam. Nos últimos anos os estudantes indígenas também ganharam um potencial grande e têm participado mais nas lutas. (*Julbo, 2016*)

## ►OESTE DO PARANÁ

### “O OESTE DO PARANÁ ESTÁ SE TORNANDO UM MATO GROSSO DO SUL”

Ibson Soares, cacique da aldeia Y’hovy, município de Guaíra

Cada passo que vai dar precisa ser muito bem calculado. A gente fez passeatas na cidade acompanhando as mobilizações nacionais, mostrando que a gente também existe, que a gente está aqui, num território tradicional. Dizem que a gente não é índio, que a gente não existe. Nos negam o direito de existir, o direito de ser índio. A gente tem tentado se reunir, discutir entre as lideranças o que fazer enquanto a gente está em acampamento. A gente sabe que tem várias ameaças de retrocesso das conquistas de direitos indígenas como um todo. Em nível nacional a gente tem sofrido um ataque sistemático à Constituição Federal. Ameaças de PEC, PLP, privatizações que constantemente ameaçam os direitos indígenas. Temos participado das mobilizações com outros povos indígenas, em Brasília e no Mato Grosso do Sul. Temos participado das assembleias da Arpinsul, da APIB e da CGY. Mas a questão do Oeste do Paraná fica meio escondida ainda. A gente espera que tenha um avanço melhor daqui pra frente porque temos perdido muito. Nesses longos anos de contato com o homem branco a gente só tem perdido: perdido terra, parte da cultura. E perdemos também lideranças, membros da comunidade que estão em acampamentos, como está acontecendo no Mato Grosso do Sul. O que está sendo feito no Mato Grosso do Sul, eles também vão começar a fazer no Oeste do Paraná; o que acontece aqui repercute lá e o que acontece lá repercute aqui. (*Julbo, 2016*)